

## ENSAIO

## TORNEIO EM DEZ VOLTAS

Por Thiago Lia Fook

## 1.

Semanas atrás, descia a serra em direção ao mar quando, atravessando o Riachão do Bacamarte, percebi que o velocímetro já ultrapassara a marca dos cento e vinte quilômetros por hora. Vi as cabras pastando no canteiro central da rodovia, pensei no estrago que me fariam se decidissem cruzar a rua de casa e aliviei o pé. Admito o erro, mas confesso um segredo: volta e meia faz bem forçar o motor, desafiar os patrulheiros federais, deixar os circuitos mentais em modo aleatório e sentir o vento esbarrando na cara enquanto Bob Dylan vai cantando que *theanswerisblowing in thewind*. Desde que, entre mortos e feridos, sobrevivamos todos – é claro. Mas tão logo voltei ao limite das placas, capotei em uma curva do cérebro: o que seria das idéias que se abortariam comigo se tivesse me tornado um cadáver infame? Supus que a comoriência delas não me afetaria em absoluto; entretanto, escapei ileso, e não sei dizer se é a vaidade dos vivos ou o desapego dos mortos que me motiva a um projeto. Este: dar vazão a alguns dos fragmentos que me habitam, ainda que verdes e precários, a fim de não sei exatamente o que fazer com eles. Quem esbarrar neste texto sem rumo, que me encontre os objetivos. E lhe acrescente as suas próprias intenções. “Com que método haverás de proceder?” – há seis anos, fizeram-me esta pergunta na banca de ingresso em um programa de pós-graduação. Contrariando meus mais íntimos pendores artísticos, esbocei qualquer desculpa com aparência científica e fui admitido. Hoje, tenha paciência o leitor e me dispense da prova. Sigo aqui o método que me inspiram o humor destas noites sem chuva e o vento que confunde o pó da varanda.

## 2.

Dia desses, conversávamos em família à mesa do café-da-tarde quando, após anunciar pela enésima vez minha indisposição para adquirir um *tablet*, ouvi de minha irmã do meio o que para ela saiu como conselho e para mim entrou como sentença: *seja mais moderno*. Não foi a primeira vez que ouvi o dispositivo. Há sempre alguém a postos para oferecê-lo a propósito das roupas que visto, das músicas que escuto, da sintaxe que emprego. Recolho-o como quem se sente condenado à sarjeta; entretanto, quando recolho a mim mesmo no sossego turbulento do travesseiro, são mais variadas as impressões que me vêm à fronha. É bem verdade que usei paletó quando criança, li livros místicos quando adolescente e ainda cultivo certo fascínio pelos ritos da monarquia na idade adulta; entretanto, faço uso de fogão a gás, chuveiro elétrico e comida enlatada. Talvez, eu mereça alguma penitência por não resistir ao charme do vinil estalando a voz de Charles Trenet, mas só a aceitarei de bom grado se me for compensada por atenuante a circunstância de usar computador e acessar a internet. Por que não um *tablet*? Porque não preciso de um – por enquanto. Sim, sei que um dos motivos-condutores do nosso tempo indica caminho diverso: a indústria fabrica o produto, a propaganda cria a necessidade, o consumidor compra a indulgência. Entretanto, folhee algumas páginas de Kant, li dois ou três contos de Andersen e passei a apreciar o papel do menino que ousa pensar por si mesmo e declarar em plena praça da alfaiataria do invisível: o rei está nu. E passeia na rua em carro do ano, escoltando por câmeras fotográficas de alta definição.

## 3.

Suprema provação é a da frase. Narrei um episódio banal, tropecei na tentação de alguns períodos pomposos e caí em desfecho inapropriadamente presunçoso e categórico. Afinal, eram outras as palavras que gostaria de escrever a respeito de como tenho elaborado a modernidade com o que vivi e compreendi até agora. Deixem-me ver como as arranjo, se assim ou assado, talvez de uma forma ou de outra e, aí estão, se servirem para o gasto: penso que o ser humano é livre, porque sua vontade não é determinada pela natureza nem por seres mitológicos; penso que, no exercício da sua liberdade, cada pessoa deve cultivar a perplexidade e afirmar-se até onde possível contra as circunstâncias e as censuras internas; penso que o equívoco e a contradição são ocorrências inevitáveis, da mesma forma que a perfeição é miragem de sistemas totalitários; penso que, dotado simultaneamente de habilidades racionais avançadas e emoções primitivas, o ser humano deve agir não com racionalidade, mas razoabilidade; porque assim penso, concluo que a autoridade deve existir em função dos serviços que presta à sociedade, e não para que os indivíduos lhe rendam bens e pronomes de tratamento; a moralidade deve ser um conjunto mínimo de parâmetros que viabilize a convivência, e não um sistema rígido de opressão do indivíduo; a técnica, sobretudo no avançado estágio de florescimento em que se encontra, deve ser empregada como instrumento para o prazer da pessoa, e não como fim em si; a autodesconfiança e o humor devem ser os princípios da ação e do pensamento. E que sejam convocadas ao diálogo as disposições em contrário.

## 4.

Mencionei o humor e pensei em Jorge Luis Borges. Minha memória guardou alguma frase sua, que pensei ser relativa a Voltaire, mas só agora – voltando à fonte – vejo ser referente ao próprio autor: “as pessoas, para não levarem a sério o que digo, me acusam de humor [...] digo o que penso, mas – como isso costuma contradizer muitos preconceitos – supõe-se que são brincadeiras minhas. E assim fica resguardada, bem, minha fama... e ficam resguardadas as coisas que eu ataco.” Ocorre que Borges era um cético mais ou menos confesso, a quem atraíam o valor estético e o aspecto maravilhoso de certas idéias religiosas e filosóficas, por menos que ele acreditasse nas idéias em si. Penso nessa cisão entre a convicção e o encanto, na impossibilidade de tomar o partido apenas da racionalidade ou do seu oposto, na necessidade de encontrar uma linha que ate as várias bordas da mente inquieta e me pergunto – olhando não mais para Borges, mas para mim mesmo – se, muito aquém das circunstâncias políticas do autor ou das questões literárias de estilo, não seria o humor um recurso eficaz de conciliação do indivíduo consigo mesmo. Porque se trata de uma forma de não mentir sem dizer a verdade, o humor permite a quem dele faz uso que evite a hipocrisia e se desloque por seus temas com a flexibilidade de quem admite o desejo sem aderir à bandeira, de quem sustenta o argumento sem subtrair a inclinação adversa, de quem se aproxima da realidade não para capturá-la sozinho e de uma vez por todas, mas para desvendar-lhe transitoriamente algumas nuances e convocar as alternativas e as divergências para nova rodada de papo, depois da sesta e antes do café.

Mas o humor também é uma forma simultânea de impiedade e compaixão. Penso em Machado de Assis, por exemplo. O professor Schwarz afirma – se bem entendo – que o humor do amado mestre desempenha duas funções em sua obra: por um lado, serve para desmascarar a sociedade carioca da segunda metade do século XIX por meio da própria linguagem decorosa desta, denunciando-lhe a futilidade e o descompasso entre o escravismo de cor e o liberalismo de importação; por outro lado, insere-se no modernismo literário à medida que desafia o leitor a desconfiar do que lê e romper a tradicional adesão automática à perspectiva do autor. Longe de mim contradizer a palavra de um estudioso, sendo eu não mais que um leitor dileitante. Mas a perspectiva do leitor não é um legítimo contraponto à do acadêmico? Penso, portanto, nesta aproximação de Machado de Assis pela via crítica e me pergunto: como poderia o homem que desejava incluir-se no palácio ser o mesmo autor que lhe atirava bombas na fachada? Não seria necessário ao autor acomodar o homem e ao homem reconhecer nas contradições do semelhante um motivo simultâneo de repulsa e comiseração? Não seria a dimensão universal das personagens de Machado a instância a que ele recorria para dar-se conta das inequações do ser humano e da impossibilidade de redimi-lo, para além de suas próprias circunstâncias, pela via da razão? Não seria mais ou menos isso o que nos sugerem as linhas tão jocosas quanto benevolentes com que Brás Cubas explica as melhorias póstumas de sua árvore genealógica, ou o comportamento hesitantemente pragmático do seminarista Damião no caso da vara, ou ainda o final infeliz de Simão Bacamarte? Impressões, enfim, não mais que indagações.

É bem verdade que existe o caso de Nelson Rodrigues, que não se valia do humor para costurar sutilezas. Suas provocações sarcásticas e sua sinceridade suicida passavam a quilômetros da ironia introspectiva de Machado e do sorriso solene de Borges; entretanto, leio seu texto e sinto a percorrer suas linhas o mesmo convite para rir com o peito de quando me encontro com um e outro. Talvez, o humor do pernambucano não tenha tido outra finalidade além desta: fazer rir o leitor e, por meio do riso alheio, escarnecer do inimigo. Alguém de pudores contemporâneos poderia objetar que suas escolhas de inimigos eram verdadeiras imposturas, apimentadas pelo elogio ao presidente Médici. O espectador do seu teatro ou o leitor dos seus contos e romances poderia dar-lhe o desconto de ter desnudado a alcova em tempos de liberação dos costumes, o militante de esquerda poderia usar a etiqueta de ‘conservador’ para dar-se por vingado, o crítico literário poderia torná-lo inofensivo com o rótulo de ‘frasista’ e assim ficaríamos resolvidos. Mas eu me pergunto se não haveria nas crônicas em tom ensaístico de Nelson outra e viável chave de leitura. Não seria sua desconfiança em relação ao comportamento coletivo um eco dos seus dramas particulares em 1930? Não seria sua rejeição ao engajamento político do escritor o resultado do compromisso maior com a arte literária? Não seria precisamente a literatura o meio que lhe permitia a livre investigação da consciência e a destemida admissão dos afetos mais controversos? Não seria seu texto, portanto, um convite risonho ao leitor para fazer igualmente o exame de si, das próprias oscilações entre a virtude e a falha, a racionalização e o desejo?

A mesma pessoa de pudores contemporâneos poderia sentir-se mais à vontade na sala de estar de Voltaire. Também nele encontro o convite para rir com o peito, mas seu humor é menos sutil que o de Machado, menos indiferente que o de Borges e menos sarcástico que o de Nelson. São seus inimigos que não nos criam problemas com a consciência, já que nele não leremos palavras cruéis dirigidas à fome no Piauí ou ao doutor Alceu no Natal. Adepto da liberdade e da tolerância, Voltaire abominava o absolutismo no poder e o obscurantismo na mente; ainda que seu empirismo filosófico rejeitasse a ficção literária como uma fuga da realidade ele recorreu à narrativa para divulgar suas idéias sob a forma de enredo e, ao fazê-lo, não poupou o racionalismo filosófico e a intolerância religiosa de muitas páginas demolidoras. Mas há algo nesta militância literária que não fecha as contas com a vida do próprio autor; afinal, à medida que combateu a autoridade, Voltaire a buscou em alguma medida para si mesmo – como senhor de terras, como homem de letras. Se sua literatura parece não se mostrar consciente desta contradição, o recurso ao enredo para divulgar idéias sugere precisamente a impossibilidade da completude e da coerência. Por outro lado, quando convida a admitir a inviabilidade do otimismo em relação ao futuro da espécie humana e de cada indivíduo; quando faz os personagens oscilarem entre as inquietações da vida examinada e as delícias da vida simples, para concluir jocosamente que sobre isso e outros assuntos a discussão e a contradição são infinitas, Voltaire me faz pensar em seu humor como o consolo viável para a existência.

Percebo que estive a ponto de tomar o caminho da crítica literária. Não a rejeito quando os outros a fazem, porque serve de verniz ao texto, mas fazê-la seria para mim como interromper o ato sexual para discutir a relação amorosa. Porque penso por enredo e lacuna, não me dou bem com a investigação metódica e exaustiva que pedem as ciências ou os saberes que à condição de ciência aspiram. Se é à teoria literária que tal acusação cabe com mais propriedade, não deixa de ser a crítica o discurso que se vale da outra para descobrir no texto artisticamente elaborado uma espécie de verdade, não tão objetiva como a do relâmpago ou a do elétron, mas suficientemente distinta da que resulta do gosto e da criatividade. Que esquarteje Baudelaire quem desejar, portanto, que eu prefiro rir com Ferreira Gullar. Dou essas explicações porque acaba de ocorrer-me que já cogitei pedir à Academia autorização para tornar-me filósofo moral ou cientista político, entretanto desisti quando me dei conta de que tinha suficiente ciúme do meu próprio pensamento e do meu próprio fraseado para ceder a vez aos conceitos e aos procedimentos da exegese. Perco as titulações e a glória, guardo minha voz. E é com ela que faço uma observação. Junho levou os brasileiros à rua em defesa de tantos interesses desconexos que ainda não pude processar os fatos, analisar os feitos e chegar a alguma síntese. Entre o muito que foi chacoalhado, ameaçou ruir, mas se manteve em pé, continuei a cultivar uma velha máxima para uso pessoal, que me leva a desconfiar de discursos de políticos, reivindicações de rua e análises de jornal: muito antes de nos tornamos democratas, já éramos primatas.

Mas creio que foi Aristóteles quem sugeriu serem os jovens incapazes de meter o dedo nas questões éticas porque ainda não possuem serenidade suficiente para pensar e agir com discernimento. Penso nisso quando me dou conta do descompasso entre as tendências à impetuosidade a que freqüentemente dou freio e as aspirações à moderação a que repetidamente dou texto. Sobrevivo e escrevo como se uma parte da mente já houvesse se aventurado pelo mundo e descoberto seus caminhos e suas armadilhas, enquanto a outra ainda não tivesse saído da sala de casa e estivesse para constatar por si mesma as maravilhas e os riscos da rua. E porque meus circuitos racionais prevalecem sobre os emocionais neste momento, contrario a advertência do grego e rabisco estes tópicos despretensiosos para uma filosofia fragmentada da moderação: o meio-termo é uma disposição de ânimo cuja falta leva à loucura e cujo excesso, à complacência; quem pondera deve permitir-se dias periódicos de falta e excesso; recomenda-se a quem deseja e não sabe fazer uso do meio-termo que marque uma consulta com o psicanalista; admitir a validade de opiniões emitidas a partir de diferentes perspectivas não é sinal necessário de pusilanimidade, mas é sinal possível de sanidade; o meio-termo não é um subterfúgio, mas uma forma de posicionar-se na vida, pensar sobre ela e, se houver oportunidade, agir nela; as formas moderadas de pensar e agir não estão imunes ao erro, por isso quem opta pelo meio-termo pode escorregar ladeira abaixo a qualquer instante; qualquer forma de pensar e agir que apele à liberdade, inclusive as baseadas no meio-termo, deve estar atrelada à responsabilidade.

*“[...] com o medo / aprendi o ofício / de armazenar as palavras / como num frigorífico [...]” – esses versos de Sérgio de Castro Pinto, no poema sobre o medo, lembram-me certo relato de José Castello. Conta o escritor que enviou certa vez um texto a Clarice Lispector na desesperança de alguma palavra crítica. Tempos depois, o telefone de sua casa tocou. Ele atendeu a ligação e ouviu, do outro lado da linha, a voz curta e grossa soar: “José, aqui é a Clarice. Você escreve bem, mas escreve com medo. Perca o medo, José!” Tenho carregado os versos e o relato como pontos de apoio emocional para as dúvidas que me dilaceram em meu processo de viver, pensar e escrever. Quando garoto, fui religioso e me guiei pelo mundo com o astrolábio da fé: havia certezas que me situavam abaixo do céu e me permitiam afirmar e agir com base em regras seguras e nítidas. A idade adulta, entretanto, atirou-me em um universo desencantado e plural, onde a correção de cada ato é aferível à luz de variados e até contraditórios prismas. Tornei-me dolorosa e saborosamente inseguro e encontrei na literatura o meio particularmente viável de expressão. Porque me permitem elaborar afetos e investigar arranjos humanos sem a chancela da verdade, a lírica e a narrativa acolhem-me, respectivamente, com generosidade. Porque me permite buscar jogos de sentido e manter a consciência do vazio primordial, o ensaio abriga minha perplexidade. E porque posso, por meio da criação, partir sem chegar, construir sem concluir, sugerir sem fixar, dou por interrompida a tarefa a que me propus no primeiro item para retomá-la em uma próxima estação e, com ou sem merecimento, descansar na sétima página.*

---

**THIAGO LIA FOOK (PARAÍBA)** – Escritor. Publicou o livro “Poesia Natimorta e versos sobreviventes” (Bagagem, 2010). Tem contos, poemas e ensaios em diversos periódicos.